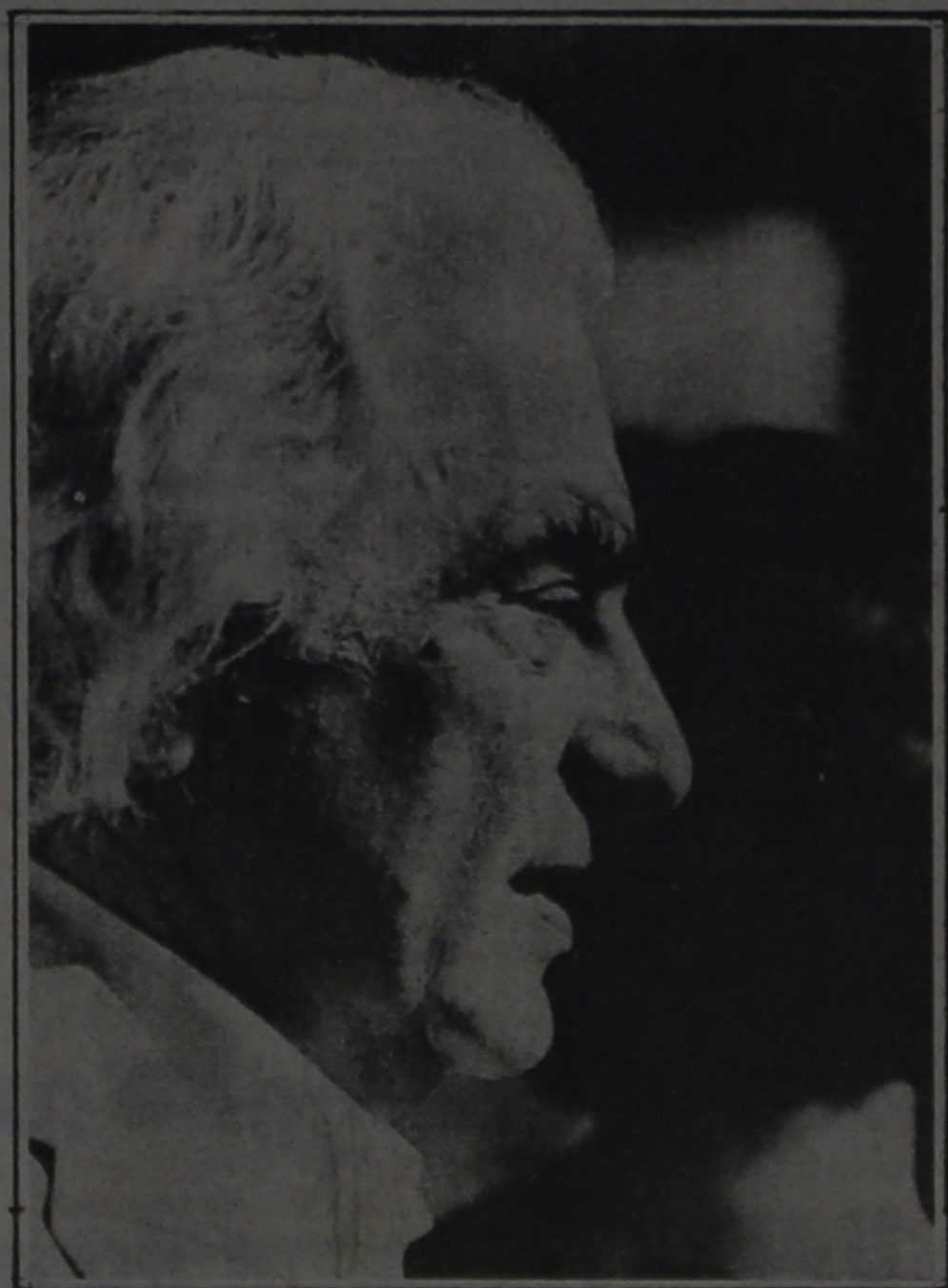


Mário Schenberg:

Programa nuclear atrasa desenvolvimento do país



Schenberg: energia nuclear é muito cara e perigosa

"O Brasil não precisa de energia nuclear, porque não tem problemas energéticos sérios. O nosso potencial hidrelétrico é imenso. Na verdade, o país está com dificuldades para escolher qual o recurso que pode aproveitar, entre aqueles de que dispõe, como o álcool e o metanol. Mas, certamente, a opção correta não é pela energia nuclear". Isso é a opinião do físico Mário Schenberg, manifestada ontem à tarde em Londrina, durante entrevista coletiva à imprensa.

O cientista acrescentou que a opção por um programa nuclear pode ser justificada em um país como o Japão, que não conta com carvão, petróleo ou outras importantes fontes de energia. Caso também da França, como esclareceu. Em contrapartida, Schenberg mostra que a instalação de reatores nucleares no Brasil só contribuirá para retardar o nosso desenvolvimento, uma vez que os recursos são limitados e estão sendo desviados para a implantação de um programa comprovadamente mais oneroso do que seria a exploração de redes hidrelétricas. Referindo-se a declarações feitas por técnicos, o físico comentou que o kilowatt instalado em Angra dos Reis custará cerca de três mil dólares — o dobro, segundo alguns, o triplo, segundo outros, do kilowatt obtido em Itaipu".

CRISE DE TECNOLOGIA

Durante a entrevista — que durou mais de uma hora — Schenberg abordou não só a questão nuclear brasileira, mas também a crise de tecnologia e seus contornos internacionais, a desastrosa situação da Amazônia e o surgimento de forte consciência ecológica, a anistia e as demissões de professores sem justa causa. Schenberg está em Londrina a convite da Regional da SBPC — Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Ontem à noite, no anfiteatro da Associação Comercial, ele proferiu palestra acerca de "Crise na Tecnologia". Iniciou, desse modo, um ciclo de conferência que a SBPC, pretende estender pelos próximos meses, discutindo temas de grande relevância. Assim, já está praticamente confirmado que o segundo conferencista será o ecologista José Lutzemberg, no dia 25 de maio.

Schenberg fez questão de salientar que quando se trata de programas nucleares outros países do mundo estão até revendo suas posições anteriores. Não faltou referência ao acidente de "Three Miles Island", nos Estados Unidos ocorrido há algumas semanas. Segundo o físico, dos 72 reatores norte-americanos, 71 apresentam o mesmo risco de acidentes. Essa conclusão foi apresentada por uma comissão que cuida da segurança dos reatores naquele país. Acrescentou que um dos reatores brasileiros é susceptível ao mesmo tipo de acidente,

NÃO MERECEM CONFIANÇA

Quais as lições que podem ser tiradas do acidente na Pensilvânia? Schenberg, entre algumas bafaradas de charuto, afirmou que nenhum técnico nuclear merece confiança. "Todos afirmaram que não era possível um acidente como esse, e aconteceu. Disseram que o reator ficou sobre controle, mas na realidade ficou 16 horas

descontrolado e os técnicos sem poder fazer nada".

Nesse ponto, o cientista relembra que em diversas ocasiões os técnicos discutiram quais seriam os prováveis acidentes em um reator nuclear: mas não chegou a ser aventada a possibilidade da formação de uma bolha, como ocorreu. Por isso é taxativo: "Pode bem haver outros tipos de acidentes que não foram imaginados ainda". Ele faz questão de frisar que os cientistas nunca afirmaram que não era possível a ocorrência de acidentes. Esse tipo de declaração ele reserva para o presidente da Nucleobrás, João Batista Nogueira, que afirmou há dias que os cientistas não entendem de energia nuclear — ao rebater as críticas que vem sido dirigidas pela comunidade científica do país com relação ao programa nuclear brasileiro.

CREDIBILIDADE ABALADA

Para Schenberg é "ridículo" o argumento apresentado pelos técnicos de que ninguém morreu pelo acidente com reator. Salienta que um desastre como esse pode não determinar morte imediata, mas que suas consequências podem aparecer anos depois, como por exemplo, observar-se um aumento dos casos de câncer, provocado pela radioatividade. "Aliás, já ficou comprovado que há uma incidência maior de câncer em pessoas que trabalham em um reator", comentou.

Extrapolando a questão de segurança nuclear para o Brasil, Schenberg diz que "mesmo que tudo tivesse ocorrido normalmente em Angra — e não é o caso — devemos ter mais receio de acidentes que em outros países, que têm mais prática em energia nuclear, uma coisa que não teríamos tido cedo".

O físico explica que um reator nuclear é perigoso, mesmo quando deixa de funcionar, ou seja, fica tão carregado de radioatividade que não pode mais ser operado. Nesse caso deve ficar enterrado. "Mas a radioatividade permanece ali e pode ser redescoberto em caso de terremoto ou bombardeio", esclareceu. Aliás, no caso de uma guerra, esse seria um alvo procurado pelo inimigo. E um bombardeio ali — conforme comentou — teria o efeito de muitas bombas de hidrogênio.

UM RAIÃO DE 800 KM

A Alemanha — o exemplo citado pelo cientista — já fez um estudo sobre os resultados de um bombardeio num dos seus reatores, perto da fronteira com a Holanda. Concluiu-se que 20 milhões de alemães morreriam, mas as populações — num raio de 800 km — seriam afetadas pela radioatividade, o que quer dizer que ela invadiria partes da França, Holanda e Suíça. Além disso, lugares distantes também podem ser atingidos. No caso brasileiro, um acidente em Angra dos Reis provocaria consequências não apenas no Estado do Rio de Janeiro, mas atingiria São Paulo, quase todo Estado de Minas Gerais, um pedaço do Espírito Santo e parte do Paraná.

NÃO MELHORA A VIDA

Por outro lado, Schenberg identifica uma espécie de crise na tecnologia mundial, notada a partir de 1.950. Segundo esclarece, o desenvolvimento tecnológico atual não está, na maior parte dos países, levando a uma melhoria real do padrão de vida das populações. Esse desenvolvimento — no seu entender — leva sempre ao aumento do produto interno bruto, PIB, mas ele considera como não satisfatório esse parâmetro para aquilatar o padrão de vida.

Schenberg acredita que precisam ser buscadas outras formas mais aperfeiçoadas de parâmetro. No Brasil, conforme diz, especialmente as pessoas que estão na sua idade — uns calculados 60 anos — puderam observar que nos últimos 30 anos não houve aumento do padrão de vida. Refere-se principalmente à classe média, alegando que a conhece melhor. Para a classe operária, acredita que a situação seja pior.

Schenberg parte do pressuposto de que, em termos de saúde, alimentação, moradia e educação, nos desenvolvemos pouco. Para explicar isso, ele recorre a uma corrente de opinião que acha plausível que esse problema seja decorrente do elevado custo social das novas tecnologias. Nesse sentido, lembrou que, quando se introduz determinadas tecnologias em certo setor, elas acabam dando lucros para quem as introduz — mas logo se vê que a sociedade arca com elevados custos e a tecnologia acaba por não beneficiá-la. "O resultado final é negativo", garante Schenberg.

Para o cientista, está na hora de se procurar alternativas: mudar a distribuição dos recursos sociais seria uma delas. Schenberg propõe que, ao invés de se concentrar recursos na produção de novos objetos, deve-se procurar atender mais adequadamente algumas coisas que não são vendáveis, como a Saúde Pública.

FORÇA POLITICA DA ECOLOGIA

Voltado para investimentos que tenham relação com a vida e com as organizações humanas, ele mostra que

existe um grande potencial no verdadeiro "surto ecológico" que começou a ser manifestado em diversos países. Para ele, essa é uma nova força política decisiva, capaz de, por exemplo, fazer com que a Suécia interrompesse seu programa nuclear, em nome da segurança.

No Brasil, Schenberg acredita que nos últimos anos o PIB tenha, talvez, duplicado, mas ele acredita que não se pode dizer que a vida do brasileiro melhorou: "Pelo contrário". Então, diz que vem se esforçando para estudar a situação e ajudar no que pode. Um dos caminhos que escolheu foi tecer críticas ao sistema educacional que, no seu entender, é pior do que poderia ser. Ele propõe uma reforma sensata e profunda em todos os níveis de ensino do país — "do primário ao PHD". E acredita que em outros setores também possam ser obtidos resultados satisfatórios, como quando se der maiores condições de saúde às populações nas cidades. Nesse ponto foi taxativo em seu alerta: "O desenvolvimento da energia nuclear vai em sentido contrário a tudo isso". Ele entende que, mesmo dentro do governo, devem haver setores que não são favoráveis ao nosso programa nuclear: "Mas quando houver um acidente, a radioatividade não vai escolher quem é do governo ou da oposição".

PODERÁ HAVER UM DESERTO

O governo fala em contrato de riscos para a Amazônia. Schenberg diz que já se comenta que esse é um indicio de que o governo pretende, mesmo, a internacionalização daquela região. Para ele, não existe dúvida de que a Amazônia poderá ser ocupada militarmente, caso haja uma reação internacional pelo desequilíbrio ecológico que a devastação na Amazônia pode provocar.

Um dos problemas sérios apontados pelos técnicos e relatado por Schenberg é que é grande a fragilidade da floresta amazônica: quando se derruba um grande número de árvores, outras tantas caem. O físico explica que o sistema bio-ecológico da Amazônia apresenta as árvores com raízes superficiais, daí porque quando se destrói algumas, outras também tombam. Se houver uma irracional ocupação do solo, ele não vê outra consequência: a Amazônia pode se transformar em um deserto.

AUMENTO DA TEMPERATURA

Schenberg defende a tese de que esse fato afeta não apenas o Brasil, mas o mundo inteiro. Aqui, no seu entender, as consequências teriam um ponto crítico. De resto, deverá aumentar a quantidade de gás carbônico em todo mundo, determinando um aumento de temperatura da ordem de 4 graus. Esse aquecimento pode romper as crostas de gelo das regiões do Ártico, subindo o nível de águas dos oceanos e inundando terras baixas de muitos países — entre eles, os Estados Unidos, que poderia ver prejudicada a agricultura de um dos seus estados, o Kansas.

Diante disso, Schenberg presume que haverá uma reação internacional. Mas mostra também que essa situação, possibilitando a internacionalização da Amazônia, é de interesse de muitos países; é bem possível que ali estejam as maiores reservas mundiais de petróleo. Já existem indícios sobre essa possibilidade: a toda poderosa Exxon norte-americana comentou em um dos seus relatórios que não está tão preocupada com as reservas petrolíferas mundiais. Segundo referência de Schenberg, a Exxon acrescentou que no Século XXI estarão sendo exploradas outras regiões, "como o Sudeste Asiático... e a bacia Amazônica". O físico comenta, meio sorriso: "O Sudeste Asiático está pegando fogo; e há muita coisa suspeita aqui...".

ESPERA PELA ANISTIA

Aposentado pelo AI-5, em 1.969, depois de ser professor por 30 anos — da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, ele acredita que a anistia será dada, mais dia, menos dia. Só que não aceita anistia parcial, por considerar que assim não é anistia. "Anistia — salienta — significa esquecimento. É uma medida que a sociedade usa para obter sua unidade". Acrescenta ainda que a história brasileira revela que a anistia sempre foi concedida em épocas em que houve atos violentos. "Depois de 10 anos da Guerra dos Farrapos, veio logo a anistia. E o próprio pai do presidente Figueiredo foi por ela beneficiado, depois de participar da Revolução de 32. Em casos não violentos, não caberia anistia".

Schenberg manifestou ainda sua certeza de que não apenas professores, mas qualquer operário brasileiro não deve ser demitido sem justa causa. Lembrou que o AI-5 demitiu muitas pessoas sem justa causa. Por isso considerou estranho que, após o fim do AI-5, ainda se demita professores sem justa causa — como ocorreu em Londrina. Para ele, dar a conhecer as causas de uma demissão é uma questão de justiça das mais elementares: "Toda autoridade, mesmo que tenha fundamento para tomar certa decisão deve indicar suas causas. É surpreendente, violento e injusto que ainda não se pratique isso...".